

# POLÍTICAS DO DESEJO: UM EXPERIMENTO ETNOGRÁFICO COM HOMOSSEXUAIS E TRANSEXUAIS NA FAVELA DO HELIÓPOLIS

**Gislene de Oliveira Rodrigues**

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP (Processo no. 2015/14620-6). É pesquisadora do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade (LELuS) e Grupo de Estudos de Gênero e Sexualidade (ELKE).  
E-mail: giza\_rodrigues@live.com

## RESUMO

O experimento etnográfico a ser desenvolvido neste artigo é desdobramento da minha pesquisa de Iniciação Científica sobre “fluxos do desejo em Heliópolis”, uma etnografia sobre homossexuais e transexuais na referida favela. Viso, aqui, promover uma reflexão acerca de um elemento presente na fala dos sujeitos de pesquisa e, em grande medida, ausente da literatura sobre periferias: o desejo. O movimento de

reflexão antropológica é proposto através de uma ficção controlada ou ficção conveniente para pôr em relevo uma diferença intergeracional a respeito de pontos de vista distintos sobre o desejo. Outro ponto importante aqui exposto é a proposta de mostrar o fazer etnográfico em sua própria etnografia, ou seja, neste caso é a antropóloga que controla essa ficção.

## INTRODUÇÃO

A partir do terceiro ano da graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, em 2015, engajei-me no projeto de Iniciação Científica (IC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com o principal objetivo de fazer uma etnografia sobre homossexuais e transexuais em uma favela localizada na zona sul da cidade de São Paulo, a saber, a favela do Heliópolis. O trabalho almejava contribuir para a discussão sobre o que se denomina *produção de periferias*, levando em conta a diferença entre as preocupações da literatura específica desta área de pesquisa e aquelas dos sujeitos pesquisados. Como lembra Guidotti (2014), o próprio termo “periferia” é utilizado sobretudo por quem vê este espaço de fora, incluindo pesquisadores, mas não pelos moradores. Como lidar, numa primeira experiência de pesquisa, com o encontro entre as questões, conceitos e modelos provenientes da literatura e aqueles relevantes para os sujeitos de pesquisa?

Este artigo tem como objetivo principal elaborar uma experimentação de ideias – ainda em construção – a fim de promover uma reflexão sobre um elemento presente na fala dos sujeitos de pesquisa e em grande medida ausente da literatura sobre periferias – o *desejo* –, através de uma *ficção controlada* ou *ficção conveniente*, termos mobilizados pela antropóloga Marilyn Strathern (2006) para referir-se a um “modelo retórico-analítico”. Trata-se de uma forma de evidenciar as estratégias de auto-referência, uma vez que a ideia de *desejo* parece emergir a todo momento em campo e além dele mesmo na medida em que incita o movimento de reflexão antropológica.

Levo em conta as inúmeras possibilidades dos *momentos etnográficos* (STRATHERN, 2014), conceito que se refere à importância de que uma imersão em campo se repita também longe desse espaço. Logo, para compreender as práticas das vidas das pessoas, os etnógrafos devem buscar recriar esses efeitos no contexto da escrita sobre elas. Nesse sentido, entende-se o *momento etnográfico* como uma relação que une o que é entendido (analisado no momento da observação) à necessidade

de entender (observado no momento da análise), denotando uma relação entre a imersão e o movimento que extrapolam as visitas, a feitura do diário de campo e o exato momento em que se escreve o texto etnográfico.

No início de 2016, como parte da IC, enveredei pelo trabalho de campo na referida favela e, desde então, vários questionamentos e reflexões suscitam minhas leituras e posicionamento enquanto pesquisadora/aluna de graduação em Ciências Sociais. O elemento que aqui destaco - o *desejo* -, como disse, é constante no trabalho, aparecendo algumas vezes em falas nativas, outras emergindo posteriormente, durante a análise das falas dos nativos; como no caso das especificidades que flagrei em discursos de interlocutores com idades diferentes, marcas que vejo como traços geracionais.

Diante da multiplicidade decorrente de pontos de vista que se pode ter acerca da favela, as distintas percepções sobre o *desejo* em um recorte geracional me parecem uma atrativa textura a ser posta em relevo. Assim como mostra Biondi e Marques (2010), essa diferença não é algo que se manifeste na totalidade dos interlocutores, entretanto, ao acentuar de um certo modo a disparidade de pontos de vista oferece-se uma interpretação da leitura para a compreensão desse conflito de desejos.

Para explorar esse argumento, o texto será dividido em três partes. Na primeira, será feita uma breve discussão sobre encontros entre o campo e a literatura e seu subsequente arranjo na escrita. Inspiro-me na noção de *desejo* que aparece em campo e o conecto a outro conceito, desta vez filosófico: *produção desejanste*, definido por Deleuze & Guattari (1972) como a inserção do processo de produção no produto em si para, neste caso, mostrar o fazer etnográfico em minha própria etnografia. Os autores descrevem que qualquer produção tem como princípio imanente o desejo, reforçando os motivos pelos quais decidi expor essa face no trabalho. Além disso, mostrar a face do desejo revela-se como estratégia para viabilizar as nuances do meu campo e suas ligações com a literatura, permitindo mostrar meu viés analítico e também como me conectei com a multiplicidade decorrente de pontos de vista que se pode ter acerca da favela – entre gerações distintas de moradores, entre moradores e a literatura -, oferecendo uma leitura dentre muitas possíveis. Assim como penso que a etnografia nunca vai ser um circuito fechado, essa visão também não o será, afinal as máquinas desejanstes só funcionam através das conexões dentro e fora de campo, sendo avariadas e avariando-se constantemente, fazendo emergir o prazer ciborgue da construção e desconstrução de fronteiras (HARAWAY, 2009).

Na segunda parte do texto, apresentarei um diálogo que realce a diferença

dos pontos de vista no que concerne ao desejo. A intenção de trazer minhas reflexões em formato de um diálogo entre duas personagens inventadas por mim é inspirada em Biondi & Marques (2010), como parte da minha estratégia em criar uma *ficção controlada*. Assim como mostram os autores, a invenção não implica em um déficit de realidade, mas advoga por evidenciar a existência de um ponto de vista, o que é imprescindível.

É mister destacar que as personagens foram criadas a partir de várias falas coletadas no diário de campo durante minhas visitas a Heliópolis e no contato com diferentes interlocutores. Outro fator importante a ser observado é que não farei alterações no modo como a linguagem é utilizada pelos nativos, posto que estas também são suas marcas no mundo. Logo, serão encontradas algumas abreviações no decorrer da ficção como: “cê” (você), tô (estou); termos como “nóis” (nós), “boua” (boa), etc. A mesma lógica se aplicará às questões de concordância gramatical<sup>1</sup>.

Por fim, nos apontamentos finais, destaco as possibilidades de (re)significações que emergem na troca de ponto de vista. Logo, o compromisso aqui não é o de desvelar uma possível verdade, estanque, monolítica, mas justamente destacar a multiplicidade imanente as diferentes perspectivas.

As páginas que seguem não têm compromisso com o binômio verdadeiro/falso, nem com a pretensão de apontar qual discurso é mais potente, mas o de explicitar diferentes pontos de vista.

## ENCONTROS E ARRANJOS

Meu desejo em iniciar essa pesquisa se deu no ano de 2014 quando, pela primeira vez, fui à favela do Heliópolis. Logo nas primeiras caminhadas pelo local houve um estranhamento da minha parte: os lugares onde visitava, as pessoas com quem eu conversava não se conectavam com os referenciais do meu imaginário vide senso comum, tampouco da literatura sobre periferias que havia tido contato até então.

Por ter saído de São Carlos, uma cidade mediana do interior do estado de São Paulo com menos de 250 mil habitantes, a mudança da paisagem me foi significativa desde o início. Agora estava na “selva de pedra” brasileira, São Paulo, onde os contornos dos prédios se entrelaçavam com a fumaça cinza enquanto o odor forte e mal cheiroso do rio Tietê invadia as sensações junto às buzinas frenéticas

1 A decisão da não normatização em relação à variante culta do português brasileiro é por crer que os discursos e suas materialidades são dispositivos políticos de subversão da linguagem, demarcando estilo e cadência particulares, como apontados em Biondi e Marques (2010) e Marques (2012) em suas pesquisas sobre a relação entre ladrões, quebradas e proceder.

energizadas principalmente pelos motoqueiros e motoboys enquanto transpõem o caótico trânsito metropolitano pelos fluxos asfálticos.

Mas na favela os contornos já se modificam novamente. A linha do horizonte é composta por outras edificações, não são somente edifícios em meio ao cinza. Alguns prédios frutos do projeto de reurbanização da comunidade, muitas casas e alguns puxadinhos que me descreveram posteriormente como *“aqui é assim, vai se acostumando a subir que nos barracos o céu é o limite”*.

As vias são estreitas, esburacadas e formam declives bem angulados. Ladeiras, ladeiras, ladeiras. Sem mão única. Vindos de diferentes sentidos, pedestres, bicicletas, carros e motos concorrem desafiando o espaço limitado. Os motoristas passam tranquilamente - os movimentos parecem milimetricamente calculados -, talvez para evitar as avarias que estão sujeitos seus veículos. Mas o fluxo vagaroso também desvela uma espécie de desfile com auto-falantes *rasgando*, na sua maioria, um *funk* ou um *rap*.

Esse cenário me lançou à memória minha pequena e pacata cidade no sul de Minas Gerais, Extrema, onde é de praxe brincar que é o povo pela rua e os carros nas calçadas. Por ser uma pequena cidade com 25 mil habitantes, as distâncias são curtas, os carros param na calçada para dar som ao ambiente, ao lado de bares que expõem suas mesas nas ruas para contemplar o público presente. Mas não era só esse referencial que se conectava com minha terra natal, o bom humor e receptividade das pessoas também. A preocupação em saber se eu estava confortável, com sede, cansada, com fome e se meu copo de cerveja estava cheio eram constantes, nos mais diversos lugares que eu frequentava.

O conjunto desses fatores só realçaram a ignorância de uma menina do interior, que antes da primeira visita só conectava a favela com os referenciais do tráfico, crime, violência e medo. Projetava becos e vielas recobertos por pixos e grafites apropriados por pessoas que eu deveria temer. Meu principal desconforto não era por desvendar se essas referências eram autênticas ao “plano do real”, mas o porquê essa estética reducionista concretizava-se no meu imaginário a priori e minha surpresa ao me deparar com um cenário de maior complexidade.

Quando retornei a São Carlos, resolvi pesquisar com maior profundidade sobre aquela quebrada que tinha visitado. Notei que havia vários projetos sociais, ONGs e uma forte militância LGBT. Esta última chamou minha atenção. A centralidade da questão LGBT entre os moradores de uma das maiores favelas de São Paulo era novidade para mim, pois meu contato por leituras de alguns trabalhos acadêmicos sobre periferias nada sinalizou sobre isso.

Decorrente dessa articulação de encontros elaborei, em conjunto de meu orientador Wagner Xavier Camargo, um projeto de pesquisa para dar conta dessa questão que a favela colocou para mim, seguido de um aprofundamento bibliográfico e, consecutivamente, iniciei as visitas a campo.

Ao empreender minhas leituras, notei que as marcas da violência e do *mundo do crime* eram quase onipresentes em estudos sobre favelas e que, nas franjas do mercado de trabalho, aparecem pautas do formal e do informal, do lícito e do ilícito, do legal e do ilegal (Vieira da Cunha & Feltran, 2013; Feltran, 2008; 2011; Lago, 2003; Rosa, 2009; Telles 2006; 2010; Telles & Hirata 2007), dicotomias que ocorrem simultaneamente e se sobrepõem nas práticas sociais, emergindo como temas centrais do debate bibliográfico atual.

Telles & Hirata (2007) ao analisarem a transitividade entre o legal e o ilegal – que, no referido trabalho, parece estar no centro das dinâmicas urbanas de grandes cidades – trabalham com a hipótese de que em torno desses ilegalismos se estruturam campos de força e jogos de poder que deslocam, fazem e refazem a demarcação entre a lei e o extralegal, entre a justiça e a força, entre acordos pactuados e a violência, entre a ordem e seu avesso, criando um grande campo de disputas. Gabriel Feltran (2011), ao pensar relações entre a periferia urbana paulista e o mundo público – espaço de visibilidade, circulação e confronto de discursos, em que se disputa e exerce poder – expõe que é preciso lidar com uma série de polaridades: descompasso entre norma igualitária e desigualdade social; paradoxo entre modo de vida popular e sua figuração pública; contradição entre a lógica do direito e a repressão da polícia; distância entre a pretensão normativa de pluralismo e os bloqueios de acesso à legitimidade social.

Há, segundo o autor, dois ordenamentos sociais legítimos: o código universalista da política e o código instrumental da violência, ambos constitutivos de um modelo de funcionamento institucional e social marcado pela manutenção de um mundo público formalmente democrático e por uma dinâmica de distribuição dos lugares sociais hierarquizados. Sua perspectiva tem como foco examinar as fronteiras que circunscrevem o *mundo do crime* (conjunto de códigos e sociabilidades que se estabelecem, no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, de roubos e furtos) e verificar como as fronteiras deste se expandem à disputa de espaço nas esferas de definição do que é e do que não é socialmente legítimo (FELTRAN, 2008).

Uma leitura possível era de que as dinâmicas sociais das periferias urbanas poderiam ser lidas a partir de uma série de crises - do emprego formal, da religiosi-

dade católica, da promessa de mobilidade social da família operária, dos movimentos sociais e de sua representatividade. Essas crises aproximavam as fronteiras do mundo do crime da convivência familiar e comunitária. Uma espécie de mundo social que se deslocava enquanto outro se apresentava como alternativa. Na tensão e na coexistência entre um e outro é que se redefiniria o que é socialmente legítimo, sendo essas as dinâmicas sociais pelas quais essas regiões e seus sujeitos ganhavam inteligibilidade pública. A partir dessa perspectiva analítica, pensar a política a partir das periferias urbanas, seria necessário o estudo das formas de construção da legitimidade na textura social, nas ações coletivas e no Estado.

Esses aspectos altamente relevantes e trabalhados densamente por esses autores não se fizeram presentes na minha primeira visita a Heliópolis. Mesmo que esta não tenha sido ainda um proposital trabalho de campo, minha sensação foi de que havia um descompasso entre o tema e minha curta vivência, logo, que não deveria ser esse o foco da minha abordagem.

Com essas ideias em mente, deparei-me com um trabalho que abordava uma visão diferente sobre as quebradas. Guidotti (2014), ao fazer uma etnografia sobre baloeiros em Heliópolis, mostra que, guardada a total relevância dos temas citados acima, as favelas também podem ser vistas e vivenciadas de muitas outras maneiras, com experiências que vão muito além do crime. Esse encontro potencializou minha ideia em abordar um referencial outro, que não o mote analítico do debate principal.

Ao iniciar, efetivamente, o trabalho de campo teve contato com diferentes pessoas da cena LGBT da comunidade. A heterogeneidade dos meus interlocutores era grande, alguns eram nascidos e criados no bairro e/ou arredores, outros já tinham se mudado, mas continuavam frequentando aquele espaço constantemente. Havia ainda os que se mudaram para lá por conta dos afetos e das relações estabelecidas. Diferenciavam-se ainda por suas idades, corpos, discursos, comportamento.

Atravessada por esse emaranhado de corpos tão heterogêneos e com discursos tão potentes, fui tentando fazer minhas conexões. Notei uma dissonância nas narrativas de quem era mais novo em relação às pessoas mais velhas enquanto discorriam sobre a favela, suas trajetórias de vida, os amores e os conflitos (internos e externos). Flagrei, então, que tensionar essa disparidade que o campo me colocava seria produtivo para a análise. Foi através da memória acionada na fala dos moradores mais antigos e nas narrativas dos moradores mais jovens que notei que nos dois discursos havia um ponto de encontro: o *desejo*. Mas longe de apartar as diferenças, esse ponto comum as acentuava mais ainda.

O que parecia pairar entre os moradores mais velhos era um sentimento de

algo já concretizado, de finalmente poder existir naquele ambiente – que outrora lhes era muito hostil. Podiam vestir-se como quisessem, assim como manifestar seus desejos por outras pessoas independentemente se homens ou mulheres. Sua luta por permanência, por ter determinado corpo e ter uma vida afetivo-sexual com quem escolhessem era algo político. Já no discurso dos moradores mais jovens a fala se manifestava no sentido de que, embora não houvesse discriminação fazia-se necessário saber comportar-se; podiam se apropriar de todos os espaços, contudo, não podiam fazer tudo o que desejassem.

Afetei-me então pela imbricação entre: 1) a literatura que excluía epistemologicamente o *desejo* da política e que oferecia de contraponto uma gramática estatal; e 2) um campo que mostrava como minorias<sup>2</sup> produziam micropolíticas que mudam/desafiam imposições, mas que mesmo assim divergem em seus discursos, tornando-se múltiplos. Através desses rearranjos, situei o meu ponto de vista no texto como aquilo que Deleuze e Guattari (1972) denominam uma produção desejante, um produto que se faz na relação com o outro, mostrando que não há esferas nem circuitos independentes, mas que a interpretação parte do meu próprio fluxo, do meu saber localizado, com o intuito de mostrar como um ponto que não relativiza ou homogeneiza as relações que se fazem múltiplas, pelo contrário, faz proliferar as diferenças.

Ao tentar resolver esse impasse de como mostrar as diferenças de pontos de vista, deparei-me com uma reflexão de Peirano, a qual sugere que:

A obra de um antropólogo não se desenvolve, portanto, linearmente; ela revela nuances etnográfico-teóricas que resultam não apenas do tipo de escrita que sempre foi energizada pela experiência de campo [...], mas também do momento específico da carreira do pesquisador, em determinado contexto histórico e a partir de peculiaridades biográficas. (Peirano, 1999: 39).

Essa reflexão fez com que eu recordasse de uma conversa que tive durante um almoço com um professor, dias após ter voltado de São Paulo. Durante um curto espaço de tempo entre nos locomovermos da universidade ao restaurante, sermos atendidos e iniciarmos nossa refeição, ele havia repetido ao menos cinco vezes o fato de ter 53 anos. Resolveu então perguntar qual era a minha idade. Eu disse que tinha 22 anos. Ele riu e decidiu então me contar uma história. Disse que certo dia, enquanto ele conversava com uma aluna e a questionava sobre sua idade, ela disse

2 O termo “minorias” não será utilizado no sentido estatístico do termo. Retomo neste trabalho a concepção de Preciado (2008), que a utiliza como potência de transformação política.

que estava ficando velha, pois já havia completado 28 anos. Ele, espantado, respondeu de prontidão que não, afinal ela não havia atingido nem a casa dos 30. Entretanto ela o rebateu que a casa dos 20 era uma casa decisiva na vida das pessoas: ou se tem 20 e poucos, ou 20 e muitos, e você só se dá conta que passou para essa segunda fase quando os problemas das pessoas da primeira fase já não lhe concernem mais.

Essa história ficou em minha cabeça por muitos dias e me dei conta que não se tratava somente de uma questão cronológica, mas sim de diferenças e perspectivas. Foi aí que notei que em campo minha idade também era um fator-chave. Em alguns momentos me ajudava e em outros atrapalhava meu acesso às informações e a alguns interlocutores. Mas isso também marca o meu ponto de vista no trato analítico, que não deixa de ser o de uma mulher com 20 e poucos anos e que, na relação com meus interlocutores, acentuavam-se ainda outros fatores: o sotaque caipira revelando a origem interiorana, o gênero feminino, os referenciais universitários, enfim, uma série de indícios que me remetiam a um espaço outro num jogo de contraste e evidência.

## DIÁLOGO

Era um domingo, mais ou menos duas da tarde. O CEU<sup>3</sup> de Heliópolis estava comemorando um ano desde sua abertura na comunidade. Uma grande festa tomava o pátio central da instituição com cerca de dez barracas que ofereciam variados “comes e bebes”, muita música e dança. O foco, no centro do pátio, era a roda de capoeira - uma das várias atividades programadas para ocorrer durante todo o dia. Entre elas estava também uma apresentação do projeto “Memórias do Heliópolis”, pensado pela UNAS<sup>4</sup>. Trata-se de uma ação que visa resgatar e, ao mesmo tempo, fazer presente a história local.

Dentre as barracas de comidas e bebidas estava a “dos LGBT”, que contava com uma grande bandeira de arco-íris, símbolo do movimento LGBT. No espaço, também um cartaz aludindo aos produtos que estavam à venda. Nele cada letra também era escrita em cores alternadas, na ordem da bandeira logo acima. A barraca contava com aproximadamente dez voluntários, todos integrantes do movimento “LGBT Helipa”. Revezavam-se em turno entre eles: ora caixa, ora venda e, também, um “rolê”<sup>5</sup> na festa. Havia também a função de recepcionar e apresentar a barraca às

3 Centros Educacionais Unificados. Criados pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, são equipamentos públicos voltados à educação localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo.

4 União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região. “É uma entidade sem fins lucrativos decretada de utilidade pública federal, surgiu em meados dos anos 1980 da luta dos moradores da comunidade de Heliópolis, pelo direito à moradia e posse da terra”. ([www.unas.org.br](http://www.unas.org.br))

5 As linguagens nativas aparecerão destacadas entre aspas e serão inseridas notas de rodapé caso eu julgue necessário esmiuçar o conceito. No entanto, no diálogo as falas aparecem sem quaisquer alterações.

peessoas que transitavam que, naquele dia, estava por conta da Manô.

Manô é uma travesti de meia idade<sup>6</sup>. Seus braços e pernas bem torneadas acompanham as curvas de seu decote que, neste dia, estava especialmente com muita purpurina. Seus cabelos são compridos e descoloridos. “Loira que nem a Xuxa, kirida”, como ela mesma descrevia entoando seu sotaque nordestino. No evento, convida as pessoas para conhecer a barraca chamando atenção com sua dança e o “vrá”<sup>7</sup> de um leque imenso.

Aproxima-se da barraca Nay, uma menina de 24 anos com cabelos castanhos e curtos. As laterais eram trabalhadas em navalha, formando cortes e recortes, assim como as linhas de sua sobancelha. Tinha estatura baixa e um corpo “meia estação”<sup>8</sup>. Usava regata, bermuda e tênis, todas de marca. Ela estava dando um “peão” na festa e resolveu dar um “salve” pra galera e também contribuir com as arrecadações consumindo algo por ali.

**Nay:** E aí Manô, como tá?

**Manô:** Eu tô boua kirida, mas a gente tá precisando conversar.

**Nay:** Xii, qual é? O que que tá pegando?

**Manô:** Já chego pra mim que você e suas amigas tão colando direto lá no samba da cannes. Cê sabe que não tem problema algum ir em qualquer lugar aqui, que graças a Deus isso aqui tá em paz agora, mas tem que saber se comportar. Cêis tão chegando nas mina dos cara, e já vieram reclamar.

**Nay:** Ah Manô, de novo esse papo. Cê tá ligada que é sempre a mesma fita, abre um role novo a gente começa a colar e aí os cara se incomoda vem fala uma pá pra você. Quando eles mexem com as nossas mina na rua aí ninguém fala nada né. E outra, se for pra ter que ir e não poder tomar um gelada e paquera umas mina, eu vou pra que?

**Manô:** Olha, cê tem todo direito de não gostar, principalmente de mexer com vocês, mas não dá pra controla todo mundo. Agora é só pegar mais leve, a gente já conquistou muita coisa, a gente tá em todo lugar aqui, as gay de fora adora vim pra

6 A opção de não referenciar a idade com números exatos, se dá por dois motivos. Primeiro porque pretendo que essa personagem fictícia consiga transbordar em suas características um discurso mobilizado por algumas pessoas de sua idade. Segundo porque a idade quando é questionada – por mim, ou por outros interlocutores – as respostas carregam consigo um tom jocoso, como um dispositivo que desembaraça a questão e sai por uma tangente. Portanto esse dado não seria revelado para mim.

7 O termo remete uma onomatopeia que referencia o barulho do leque se abrindo. Mas também é um recurso utilizado no diálogo, usado positivamente quando alguém “representou” em sua fala, na maioria das vezes com tom jocoso, mas não irônico.

8 Nem gorda, nem magra.

cá, a gente é até referência. Agora não dá pra fica dando em cima de todo mundo, os cara cobra, e isso é chato quando é homem e mulher também.

**Nay:** Pode crê, mas é sempre essa fita, num tem um espaço pra nós. A gente é bem recebido até a página dois, porque quando tá incomodando aí já aciona você.

**Manô:** Mas você tem que se orgulha disso menina! Cê já percebeu que a gente não sofre nenhuma discriminação onde a gente vai?! A gente é que nem erva daninha, tá ocupando os espaço tudo. Tem que fazer que nem eu faço: vou, converso, brinco, danço, mas tudo no respeito. Não pode deixar virar bagunça!

**Nay:** É, mas também é falta de respeito toda vez que passo com a minha mina na frente do bar perto de casa e mexem com ela. Essa fita também não é certa!

**Manô:** Entendo o que cê tá falando, mas leva na brincadeira... Cê acha que eles não mexem comigo? Com essa peruca, esse salto e shorts curtinho? Mas eu mexo com eles também! Sabe o que é? Você é muito novinha ainda, não sabe o que a gente passou pra conquistar esse espaço, ter abertura, ir pra onde quiser. Eu sou do tempo daqueles grileiros, que vivia perseguindo a gente, queria me matar de todo jeito! Tem um tanto de gay e lésbica que casaram só de fachada um com outro se não morria. Por isso que você não dá valor pro que a gente tem agora, isso aqui é incrível, eu tá vestida desse jeito nesse espaço com todo mundo me respeitando...

**Nay:** Tô ligada que quem é da antiga teve que faze seus corre mesmo.

**Manô:** Então menina, você tinha que ter orgulho de pode tá aí indo pra qualquer lugar. Aqui a gente não precisa de gueto gay não! É só chegar em qualquer lugar mas, claro, saber se comportar.

**Nay:** Esse se comportar aí que é tenso. Não tô dizendo que não é bom poder colar, ninguém faltá com respeito, mas continuo tendo minhas demanda. Os cara vão lá pegam as mina, eu quero pega também, não posso nem ter meus desejo.

**Manô:** Mas não é que não pode, é só que tem ter esse cuidado. Do mesmo jeito que cê sabe chegar tem que saber sair. A minha função aqui também é essa, tenho que avisar quando a coisa tá ficando feia e dar uns puxão de orelha, porque vocês que são jovens tem muita liberdade, não sabe aproveitar o que tem.

**Nay:** É, mais eu não vejo toda essa liberdade aí não. Até concordo com você que aqui é suave pra quem é lésbica e tal, não sofro preconceito, tá cheio de gay aqui... O problema tá lá fora, quando a gente sai daqui. E tem que sair né? Aqui não dá pra achar ninguém que os outro já cobra.

**Manô:** Tá reclamando muito é de barriga cheia! A gente teve que lutar muito por esse espaço aqui...

Antes que Manô terminasse suas observações que remeteriam novamente

as suas memórias duras em relação ao passado, Nay interrompe:

**Nay:** Mas parece mais que a favela ainda tá dividida. A gente tá entrando e eles [heterossexuais] tão aceitando, só que aí tem que ser do jeito deles...

Antes que a conversa pudesse ser estendida, sobre essa disputa entre um antes e um agora muito próximos, quase correlatos da forma que sempre são atualizados, um dos coordenadores do projeto “Memórias do Heliópolis” apareceu informando a Manô que a apresentação já ia ter início no anfiteatro e ela, como uma das personagens principais do projeto, teria que comparecer lá.

#### APONTAMENTOS FINAIS

O diálogo aqui apresentado poderia ter sido mais um breve capítulo da corriqueira história de conflitos geracionais entre duas pessoas de idades diferentes quando estão conversando, contando aqui com as particularidades locais que cintilam no plano das relações que as atravessam. Porém, longe de ter um tom de solução para esse diálogo ou até mesmo uma valoração moral externa ao plano que os atores se relacionam, essa conversação pretende mostrar a divergência entre pontos de vista. Como sugerem Biondi & Marques (2010), não há contradições entre pontos de vista, mas apenas diferenças; as atualizações pertencem inteiramente ao reino das perspectivas<sup>9</sup>. Mostrar as diferentes perspectivas permite deixar de atribuir veracidade aos discursos, deixando para outro plano o registro do real, exatamente porque o real se multiplica a todo momento que se troca de ponto de vista, permitindo então o acesso às diferenças ao compará-los.

É importante pontuar que as forças que carregam os discursos são ao mesmo tempo centrípetas e centrífugas - se por um lado emergem para um centro de concordância, por outro dissipam, levando consigo também o observador. Vejamos por linhas mais gerais através de um mapeamento do diálogo: nos dois pontos de vista a favela em que vivem é muito receptiva para a população LGBT e há também concordância no que diz respeito a um passado difícil *“com muita morte, perseguição, mas também com muita luta e resistência”*.

Porém podemos ver na fala de Nay que há um forte incômodo no que

9 Biondi & Marques (2010) abordam a discussão sobre perspectivas imbricadas com o uso que Villela (2004) faz do termo, inspirado em Nietzsche: “O que chamo de perspectivismo e ponto de vista aproxima-se muito mais dos conceitos de sentido e interpretação em Nietzsche. [...] Conferir sentido e interpretação a uma coisa, a um órgão ou a um fenômeno em Nietzsche é o mesmo que assenhorar-se desta coisa, órgão ou fenômeno, sendo que essas sucessivas apropriações correspondem mesmo à sua história” (p. 22). O referido autor pretende dar conta das verdades parciais presentes em processos segmentares nos quais “a segmentação da história é influenciada pela segmentação dos grupos, ao mesmo tempo que esta última é determinada por aquela” (p. 23).

concerne ao território como um lugar em que ela e seus pares se apropriam pois, apesar de serem sempre bem-vindos, “*não é bem assim que as coisas rolam*”. Existe a condição *sine qua non* de estarem dispostos a uma adaptação principalmente em relação ao comportamento. Embora não haja uma privação, ou risco de irem pra qualquer lugar, não existe um espaço em que possam ir e não haja nenhum tipo de restrições, cobranças ou interferências. Ao passo que Manô mobiliza diferentes espectros dessa mesma situação, o fato de serem como “*ervas daninhas*” e estarem por todos os espaços é o ponto alto da questão para quem antes tinha uma existência previamente banida naquele local.

Inspirada em um dos apontamentos que faz Marques (2012), vejo nas disparidades dos pontos de vista, a multiplicidade que se faz presente quando (re) significam seu mundo “a produção dessa diferenciação como a própria efetuação de uma transformação no plano de relações que dá consistência aos sujeitos que percorrem seus relevos, sentem suas texturas, orientam-se de acordo com a variação de suas cores” (2012:20).

Justamente por saber ser exequível pensar nas relações apresentadas como um “todo coerente”, nem buscar sua “verdade única” (Marques & Villela, 2005), optei por um viés etnográfico da produção desejante, como um produto de um produto, em que mostro meu ponto de vista através das narrativas que os meus interlocutores me permitem acessar, ou melhor, o acesso que eu, uma garota de 20 e poucos anos, tem tanto aos pontos de vista, quanto ao se próprio olhar.

Portanto os meus apontamentos vão ao encontro com o que mostra Deleuze e Guattari (1972): só a multiplicidade será capaz de explicar a produção desejante como forma de reunir e pensar fragmentos que tenham entre si relações de diferenças, mas que se relacionam através de diferenças, sem que se remetam a um todo original ou que ainda está por vir. As máquinas são como um princípio associativo, necessitam sempre de uma conexão, e a ignescência é dada pelo desejo, que liga incessantemente fluxos contínuos e objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados.

Mas o desejo também faz cortes, produz outros fluxos, mesmo não deixando de estabelecer conexões com outras máquinas. Todavia essas ligações só se tornam possíveis quando uma máquina interpreta o mundo através do seu próprio fluxo. Ou seja, só é possível estabelecer conexões, conhecer o outro a partir de você mesmo, do seu ponto de vista, essa interpretação é exatamente o que permite a multiplicidade, e não nos limita à somente um plano do real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIONDI, Karina & MARQUES, Adalton. (2010). Memória dois “comandos” paulistas e historicidade. *Lua Nova*, São Paulo, 79: p. 39-70.

DELEUZE, Gilles. 1994. Désir et plaisir. *Magazine Littéraire*. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. 1972. **O Anti- Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal.

FELTRAN, Gabriel de Santis. 2011. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de SãoPaulo**. São Paulo: Editora Unesp.

\_\_\_\_\_. 2008. “O legítimo em disputa: as fronteiras do ‘mundo do crime’ nas periferias de SãoPaulo”. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n.1. 2008.

GUIDOTTI, Marcos Vinicius. 2014. Proceder na etnografia: reflexões sobre uma etnografia na quebrada. **3º Seminário de Antropologia da UFSCar**. São Carlos – SP. Anais.

HARAWAY, Donna. 2009. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In. Tadeu, T.(Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica. Pp 33-118.

\_\_\_\_\_. 1995. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp.7-41.

MARQUES, Ana Cláudia; VILLELA, Jorge. 2005. O Que Se Diz O Que Se Escreve. Etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco. **Revista de Antropologia**, V.48, p. 37 -74.

MARQUES, Adalton. 2014. Do ponto de vista do “crime”: notas sobre “guerra”, “direitos humanos”, “progresso” e etnografia. **3º Seminário de Antropologia da**

UFSCar. São Carlos – SP. Anais.

\_\_\_\_\_. 2012. “Maior Respeito” e “cuidado com as palavras”: considerações de moradores sobre as transformações nas periferias de São Paulo, uma tendência nas favelas de existir um maior cuidado entre as palavras ditas e respeito entre moradores das quebradas. **36º Encontro Anual da Anpocs**, 36. Águas de Lindóia – SP. Anais.

PEIRANO, Mariza. 1995. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PELÚCIO, Larissa. 2005. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. **Revista Pagu**.

PRECIADO, Beatriz (2008), Testo Yanqui, Madrid, Espasa Calpe. In:\_\_\_\_\_. 2002. **Manifiesto contra-sexual**, Madrid, Opera Prima.

ROSA, Thaís Troncon. 2009. Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias”. Em GT 01 – A cidade nas ciências sociais: teoria, pesquisa e contexto, Caxambu, **33º Encontro Anual da ANPOCS**, 2009.

STRATHERN, Marylin. 2009. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 83-104, jul/dez.

\_\_\_\_\_. 2006. **O gênero da dádiva**. Campinas: Editora da Unicamp.

\_\_\_\_\_. 2014. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Trad. Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify.

TELLES, Vera da Silva. 2010. Nas dobras do legal e ilegal: ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 2 (5-6): 97-126.

\_\_\_\_\_; HIRATA, Daniel Veloso. 2007. “Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito”. **Revista de Estudos Avançados da USP**, 21 (61): 171-191.

\_\_\_\_\_; CABANES, Robert. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: **Associação Editorial Humanitas**, 2006. 21 (61): 171-191.

VIEIRA DA CUNHA, Neiva; FELTRAN, Gabriel de Santis. **Sobre periferias**. Novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2013.

VILLELA, Jorge Mattar. 2004. **O povo em armas: violência e política no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ.